

LINHAS SUBVERSIVAS NA MATERNIDADE

O PROCESSO CRIATIVO NA PROPOSIÇÃO DE NOVAS NARRATIVAS

Palavras-chave: bordado, maternidade, poéticas visuais.

Paula Aragão de Carvalho; Mestra PPG Artes UFC; Fortaleza, CE, Brasil;
paulaaragaodecarvalho@gmail.com;

1. Introdução

A pesquisa origina-se da constatação de que a maternidade, no imaginário social, é predominantemente retratada por uma intensa romantização e idealização. Tal construção impõe um ideal de perfeição que, ao desconsiderar as complexidades e sentimentos ambíguos da experiência, resulta no silenciamento e na culpabilização de mães. A urgência de desconstruir tais mitos abre espaço para narrativas mais honestas, fomentando o reconhecimento e o acolhimento coletivo em um território político-afetivo de partilha materna.

Esta pesquisa, materializada na série de obras bordadas "Linhas Subversivas na Maternidade", investiga o bordado como ferramenta crítica para desconstruir a idealização da maternidade. O trabalho subverte os signos tradicionalmente associados a técnica, atrelada ao universo feminino e doméstico, para propor novos modelos que acolham as complexidades e contradições do maternar. A pesquisa artística torna-se, assim, um campo de experimentação para futuros mais plurais e compartilhados.

2. Metodologia

A metodologia desta pesquisa é teórico-prática, fundamentando-se na Pesquisa Artística, onde o processo de criação é o próprio campo de investigação. Adota-se como estratégia central a prática de ateliê, na qual o fazer artístico não é um objeto posterior, mas o motor que gera questionamentos e conhecimento, alinhando-se à premissa de que "o pensamento não antecede a obra, faz-se com ela" (Salles, 2011, p. 119). A escolha pelo bordado como linguagem é, em si, uma decisão metodológica que dialoga com a noção do "ponto subversivo" de Roszika Parker (2010), ressignificando a técnica como um potente ato de resistência.

Para a análise deste percurso criativo, a pesquisa ancora-se no referencial da Crítica Genética, que "se volta para o processo de criação, para a obra em sua dimensão

processual” (Salles, 2008, p. 24). Ao valorizar os documentos de processo, as incertezas e as descobertas da criação, essa metodologia permite desvelar as camadas de sentido que tecem a obra final, oferecendo uma compreensão crítica dos entrelaçamentos que constituem a trama desta pesquisa.

3. Discussões

Para compreender as narrativas que esta pesquisa busca subverter, é preciso revisitar a construção histórica do "amor materno". Elisabeth Badinter (1985) desmistifica esse conceito, demonstrando que o sentimento é uma invenção recente, moldada por interesses políticos e sociais, e não um instinto natural. O pensamento feminista aprofunda a crítica, analisando a maternidade como instituição a serviço do patriarcado, como exposto por Simone de Beauvoir (1980) e, posteriormente, por Silvia Federici (2017), que conectaram o cuidado ao trabalho reprodutivo não-pago.

A crítica à maternidade romantizada encontra um campo fértil nas Artes Visuais, onde artistas contemporâneas criam uma cartografia do corpo materno para se contrapor a representações historicamente idealizadas, como aponta Borges (2019). Seguindo essa linhagem, esta pesquisa utiliza o bordado para discutir o avesso do maternar. A busca tradicional por um avesso perfeito no bordado ecoa a pressão social por perfeição imposta às mulheres, este trabalho intencionalmente destaca o avesso para explorar a complexidade oculta da experiência materna.

A exploração do avesso ecoa em outras pesquisadoras, reforçando o bordado como espaço de conhecimento e compartilhamento, onde um potente encontro de mulheres falantes e pensantes pode emergir. Para lidar com as emoções contraditórias, o conceito "ch'ixi" de Silvia Cusicanqui (2018) — a coexistência de mundos opostos — oferece uma potente metáfora para a maternidade como um estado onde amor e raiva coabitam. Cusicanqui aponta a maternidade como resistência em culturas indígenas, onde a abordagem coletiva contrapõe o modelo individualista ocidental.

A partir do embasamento que desnaturaliza a maternidade e explora a metáfora do avesso, a pesquisa se materializa na série de treze obras bordadas. A seguir, duas obras demonstram como o bordado opera como ferramenta para propor as novas narrativas deste trabalho.

3.1. Em chamas



Imagem 1 – Em chamas
Fonte: Arquivo Pessoal, 2024. Fotografia de Jamille Queiroz.

Utilizando um sutiã de amamentação como suporte, a obra aprofunda a discussão sobre a dualidade do aleitamento, apresentando-o como uma experiência de amor e sacrifício; um ato de cuidado que transborda, mas que também envolve uma função mecânica, dolorosa e de intenso esforço físico e mental. Ao bordar sobre o objeto uma imagem que remete a fogo, feridas e ao sangue da mastite, o trabalho recusa a narrativa romantizada e dá visibilidade a uma dor silenciada, questionando a imagem social da mãe que tudo suporta em silêncio e abnegação.

Essa crítica visual dialoga com a desmistificação do "amor materno" proposta por Badinter (1985), que o revela como uma construção social idealizada, e não como um instinto. A autora analisa como essa visão foi exaltada historicamente, associando a figura feminina à natureza e à moralidade para impor a maternidade como um dever sagrado. Nesse sistema, a recusa de tal papel equivaleria a uma transgressão e, para garantir a adesão, eram oferecidas recompensas emocionais ao mesmo tempo em que se utilizava a

coação por meio de ameaças. Badinter argumenta que essa visão é uma falácia, pois o amor materno não é inato nem universal, mas um sentimento que pode ou não ser desenvolvido individualmente, não sendo intrínseco ao gênero feminino.

Ao expor a crueza física do ato de amamentar, a obra confronta o mito analisado pela teórica, funcionando como uma contestação visual à idealização do sacrifício materno. A intervenção sobre o objeto íntimo opera como uma cartografia do corpo materno. O sutiã, como extensão simbólica do corpo, torna-se um mapa onde se inscrevem as marcas de uma experiência ambígua: o nutrir que também exaure, o amor que coexiste com a dor. Essa cartografia expõe o conflito entre a produção de leite e a pressão capitalista, tornando visível um corpo em negociação, cuja experiência é acentuada pela solidão do modelo de maternidade ocidental, evocada pela imagem da peça isolada na natureza.

3.2. Toda mãe trabalha



Imagem 2 – Toda mãe trabalha
Fonte: Arquivo Pessoal, 2024. Fotografia de Jamille Queiroz.

A desvalorização do trabalho materno pode ser compreendida a partir de Simone de Beauvoir, que em sua obra *O Segundo Sexo* (1980) argumenta que não se nasce mulher,

torna-se mulher, por meio de processos de socialização que levam a assumir papéis predefinidos pela sociedade. Segundo a autora, as mulheres são submetidas a restrições e expectativas sociais que limitam seus desejos e aspirações, moldando-as para se conformarem a uma feminilidade idealizada e imposta.

A teórica Federici (2017) aprofunda essa análise no campo econômico, ao conectar o cuidado ao trabalho reprodutivo não-pago. Federici desenvolve a ideia de que o sistema capitalista depende do trabalho reprodutivo não remunerado das mulheres — incluindo o cuidado doméstico e dos filhos — para manter sua existência. Historicamente, o trabalho feminino no âmbito doméstico, por não ser remunerado, privou as mulheres de poder econômico e social. A invisibilidade desse labor está ligada à sua desvalorização econômica, reforçando a percepção de que tais tarefas não constituem um "trabalho real" e perpetuando um ciclo de exploração. Isso ocorre porque o trabalho doméstico foi transformado em um atributo "natural" da psique feminina para justificar a ausência de remuneração.

A obra "Toda mãe trabalha" confronta essa estrutura. Ao bordar a frase-título em letras vermelhas sobre uma carteira de trabalho, a peça questiona a invisibilidade do trabalho reprodutivo e as penalidades que as mães sofrem no mercado profissional. A afirmação do trabalho materno inscrita sobre o símbolo do trabalho formal rasura a naturalização do cuidado e denuncia uma verdade silenciada. Como manifesto visual, o bordado torna-se uma ferramenta subversiva que perfura o documento oficial para registrar a dimensão laboral da maternidade.

A peça também reflete o cuidado compartilhado diante de uma sociedade que individualiza o cuidar, uma proposição que encontra eco teórico em Cusicanqui (2018). A autora colombiana sugere que saberes ancestrais servem como modelo alternativo que desafia a lógica competitiva da sociedade ocidental. Para isso, ela propõe as práticas coletivas de mulheres indígenas, baseadas na cooperação e reciprocidade, enfatizando a importância do "fazer" — e não apenas da reflexão teórica — para transformar as estruturas de poder existentes. Nesse sentido, o engajamento em atividades coletivas como o bordado fortalece laços afetivos e cria uma rede de apoio mútuo, proporcionando pertencimento e valorização e permitindo às mulheres estabelecer espaços para afirmar sua identidade e subjetividade.

4. Conclusão

Ao entrelaçar a reflexão teórica com o fazer artístico, esta pesquisa buscou dar visibilidade ao avesso da maternidade. A criação da série "Linhas Subversivas na Maternidade" revelou-se um ato político que utiliza a linguagem do bordado para subverter suas conotações tradicionais, transformando-o em ferramenta de denúncia e reflexão. O processo transcende o pessoal para se conectar a redes de criação, em consonância com Salles (2008), que entende a poética como algo edificado a partir de trocas e entrelaçamentos. A escolha pelo tecer no contexto contemporâneo é um gesto de resistência, que questiona preconceitos associados ao bordado e ao papel das mulheres na arte. A inserção nesse campo emerge, portanto, como escolha estratégica para iluminar tramas ocultas na história, contribuindo para uma visão mais inclusiva das narrativas femininas do maternar.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORGES, Joana. **Corpo, essa ruína que se refaz: cartografias do corpo materno na produção de artistas mulheres contemporâneas**. 2019. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Um mundo ch'ixi é possível: ensaios a partir de um presente em crise**. São Paulo: Polén, 2018.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2017.

GUSMÃO, Louise. **Linha Motriz**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

PARKER, Roszika. **The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Feminine**. London: I.B. Tauris, 2010.

SALLES, Cecília. **Crítica genética: fundamentos dos estudos de processo de criação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **Redes da criação: construção da obra de arte**. Vinhedo: Horizonte, 2011.